

LESLIE WOLFE

# A CIRURGIÃ

Um suspense  
psicológico  
totalmente envolvente  
que fará você correr  
pelas páginas,  
até o final.

**A CIRURGIĂ**

**LESLIE WOLFE**

Tradução de Nathália Rondan

# **A CIRURGIÃ**

*Agradeço especialmente ao meu amigo e advogado novaiorquino Mark Freyberg, cujo amplo conhecimento me guiou entre os meandros do sistema judiciário.*

*Um obrigada caloroso à dra. Deborah (Debbi) Joule pela sua amizade e seus conselhos atenciosos. Graças a ela minha pesquisa sobre as complexidades da cirurgia cardiovascular não foi tão assustadora. Toda a sua experiência, paixão pela precisão e pelos detalhes fizeram com que escrever este romance fosse uma experiência fantástica.*

# O PACIENTE

---

---

## *O QUE FOI QUE EU FIZ?*

Esse pensamento permeia minha mente, corroendo e enfraquecendo meu corpo. A descarga de adrenalina preenche meus músculos com um anseio de sair correndo, de fugir, mas não tenho para onde ir. Trêmulo e debilitado, meu corpo desliza até o chão, meu único apoio é a parede de azulejos frios nas minhas costas. Por um instante, encaro as minhas mãos, mal as reconhecendo, como se fosse a primeira vez que as visse com luvas cirúrgicas e cobertas de sangue. Elas me parecem estranhas: as mãos de um desconhecido inseridas no meu corpo por algum erro inexplicável.

Um bipe contínuo ressoa longe junto ao sopro do ar-condicionado. Queria ter forças para pedir que o desligassem. Todos na sala de cirurgia estão imóveis, cada par de olhos grudado em mim, arregalado e tenso acima das máscaras cirúrgicas.

Só um único par de olhos me julga, penetrando os meus a cada oportunidade, a íris de um azul metálico sombriamente gélida atrás de lentes grossas e um escudo facial. O dr. Robert Bolger, ainda sentado ao lado do aparelho de anestesia, nem precisa falar nada. Já dissemos tudo o que tínhamos para dizer. Talvez até demais.

— Desliga isso — Madison sussurra.

Lee Chen aperta um botão e aquele barulho horrível para. Então Madison se aproxima de mim e se agacha ao meu lado. Ela ergue a mão até meu ombro, mas se detém.

— Dra. Wiley? — ela sussurra, a mão ainda estendida. — Anne, vem, vamos.

Balanço a cabeça devagar, encarando fixamente o chão. Lembro em detalhes minuciosos quais as propriedades do revestimento de polímero que aplicam em todos os andares da sala de cirurgia. Informações inúteis que tomam espaço no

meu cérebro sem qualquer motivo, já que sou a cirurgiã, a consumidora final desses pisos de azulejo azul, não a pessoa que decide qual deve ser o revestimento.

— Anne? — Madison chama meu nome outra vez, em um tom apaziguador, cheio de ternura.

— Não — sussurro de volta. — Não consigo.

Uma gaze cirúrgica ensanguentada cai da mesa, manchando o piso impecável a poucos centímetros da ponta do meu pé direito. Dobro a perna, olhando para a gaze como se a mancha de sangue nela pudesse vir atrás de mim.

Madison se afasta ao ser fuzilada pelo olhar do dr. Bolger.

Ele suspira e desliga seu equipamento, aprofundando o silêncio repleto de tensão da sala.

— Bom, acho que já terminamos por aqui. — Ele se levanta e solta um gemido de frustração, então lança um olhar significativo para o ecocardiologista dr. Dean. — Vamos tomar um café para esquecer esse desastre.

Dr. Dean relanceia na minha direção como se pedisse meu aval. Deve ter se sentido mal por ter sido o único a ser chamado pelo Bolger. Eu mal noto.

Não reajo. Não consigo.

Minha cabeça está longe, relembrando cada instante de tudo que aconteceu desde essa manhã.

MEU DIA COMEÇOU BEM, SEM DAR QUALQUER INDÍCIO DO QUE ESTAVA por vir. Uma manhã instável com ventania fez com que minha corrida matutina fosse um esforço mais mental que físico. Chicago é uma cidade que costuma demonstrar afeto aos habitantes de um jeito estranho, com ventos gelados que chegam a doer o osso, metaforicamente falando, não num sentido ortopédico; me refiro ao clima e à nossa percepção dele.

Como nas últimas semanas, corri os mesmos cinco quilômetros em volta do mesmo Lincoln Park, olhando para olmos e espinheiros com uma esperança renovada de que encontraria uma folhinha brotando, por menor que fosse. Estava pronta para a chegada da primavera com seus jardins floridos e um sol mais quente. Não pensava em mais nada; eram seis e meia da manhã, e parecia ser apenas uma quinta-feira comum. Chegava a ser decepcionante.

Por volta das sete e meia entrei com o carro no estacionamento dos funcionários do hospital e parei na minha vaga. Tinha revisado os detalhes da cirurgia do dia uma última vez na noite anterior no conforto do escritório da minha casa, outra parte da minha rotina.

O procedimento agendado era um aneurisma de aorta ascendente. O paciente era um homem de 59 anos chamado Caleb Donaghy. Estávamos programados para começar às dez em ponto.

Antes disso, vi Caleb Donaghy duas vezes. A primeira foi em uma consulta. O cardiologista dele havia encontrado um aneurisma grande e o encaminhou até nós para correção cirúrgica. Eu lembrava bem da consulta. A descoberta tinha assustado, com razão, o paciente, e a cada palavra que eu dizia, ele ficava cada vez mais amedrontado. Manteve os braços cruzados com firmeza como se protegesse o coração do meu bisturi. A barba desgrenhada tinha mechas de um cinza-amarelado, e o mesmo tom se espalhava pelas têmporas, até onde eu conseguia ver por baixo do boné que ele se recusou a tirar e que acabei deixando estar.

Ele estava mal-humorado e ficou reclamando por um tempo, rebatendo tudo o que eu dizia. O que foi que ele fez para merecer um aneurisma? Seus pais tinham morrido havia pouco tempo e não tinha sido de nenhum problema cardíaco. Só depois de passar uns bons quinze minutos tentando acalmá-lo é que consegui examinar o paciente.

Essa foi a primeira vez que nos encontramos.

Depois disso voltei a vê-lo na noite passada, logo depois de terminar a reunião de planejamento cirúrgico com minha equipe. Caleb Donaghy tinha sido internado dois dias antes e refez todos os exames de sangue. Quando entrei, ele estava sentado na cama, usando o boné de beisebol manchado do time Cubs, os braços cruzados, encostado nos travesseiros fazendo absolutamente nada. A TV não foi ligada, não tinha nenhuma revista na cama, a tela de seu celular estava para baixo na mesa de cabeceira. O quarto exalava sutilmente o odor de cigarro velho e suor impregnado. Ele remoía algo, infeliz e sozinho... e estava irritado. Tinha sido informado de que iriam raspar sua barba e seu tórax antes da cirurgia. Para jogar mais sal na ferida, alguém do administrativo do hospital passou para perguntar se ele era doador de órgãos. Por sete minutos intermináveis ele me disse de várias formas que não queria ser desmembrado e vendido por aí. Sabia o que nós, médicos, fazíamos com gente como ele, pessoas sem família para nos processar e sem dinheiro o suficiente para ser considerado importante. Pegávamos os órgãos e os transplantávamos para quem pagasse mais. Por qual outro motivo prédios inteiros do nosso hospital teriam o nome de gente rica de Chicago?

Jurei para ele que não era aquele o motivo. Ele não quis nem me ouvir. Então falei que era só ele recusar e o transplante de órgãos deixava de ser uma alternativa caso a cirurgia desse errado. O que era a linguagem médica para morte na mesa de cirurgia. Isso fez com que ele ficasse quieto.

Mas isso foi ontem.

\* \* \*

QUANDO CHEGUEI AO CONSULTÓRIO NESTA MANHÃ, MADISON JÁ ESTAVA com meu café pronto. Ela é a melhor enfermeira cirúrgica com quem já trabalhei, além de ser também minha assistente fora da sala de cirurgia.

Madison, Lee Chen, o talentoso segundo enfermeiro na minha equipe. Tim Crosley, o perfusionista cardiovascular que opera a máquina coração-pulmão que nós chamamos de ECMO e dr. Francis Dean, o ecocardiologista, essa é minha equipe cirúrgica efetiva.

Então o anestesista é uma questão de sorte, e eu acabei dando um azar gigante com o dr. Bolger. Tem alguma coisa que me incomoda nele. Talvez seja seu machismo descarado. Reza a lenda que ele já tomou duas advertências por falar absurdos como “mulheres deveriam ser apenas enfermeiras em um hospital”. A misoginia emana pelos poros dele, embora tenha se segurado mais ultimamente. Ele é um babaca arrogante, mas um excelente anestesista. O fato de ser um ótimo profissional aumenta a soberba dele e diminui a vontade da administração do hospital de lidar com seus problemas de comportamento. Esse é dr. Bolger.

Quando caímos juntos em uma cirurgia, sempre tento lidar com ele da melhor maneira possível pelo bem do paciente e da equipe cirúrgica.

Mas nunca dá certo. Ele simplesmente não coopera.

Eu me lembro de ter soltado um palavrão baixinho quando vi o nome dele na agenda, mas então não pensei mais no assunto.

O dr. Bolger já estava na sala de cirurgia quando entrei.

— Bom dia — disse embora não esperasse uma resposta.

Ele de fato não respondeu, só acenou com a cabeça e me lançou um olhar de soslaio por trás da cortina cirúrgica que separa o mundo dele do meu, e então voltou a prestar atenção no equipamento à sua direita. O aparelho ajuda a determinar a dosagem da anestesia. Ele controla as vias respiratórias do paciente atrás da cortina de proteção. Durante a cirurgia eu raramente, se é que alguma vez, chego a ver o rosto dos meus pacientes.

Meu foco é o coração deles.

Tenho 41 anos e faço isso há doze, desde que terminei minha residência em cirurgia geral. Resolvi ser cirurgiã cardiorácica depois disso e nunca me arrependi. É o que eu sempre quis. Nunca perdi um paciente na mesa.

Até hoje.

Pensar nisso faz meu estômago se revirar.

Por um instante, sou arrastada de volta para o presente desagradável, então observo ao meu redor e tento processar o que vejo. A iluminação cirúrgica foi desligada. Madison continua ali, me encarando com preocupação. Lee Chen está sentado em um banquinho, pronto para pular dali quando for preciso. Tim Crosley se mantém ao lado do ECMO, as costas curvadas, a cabeça



pendendo para frente. Se pudesse, ele apoiaria a testa nas mãos, mas ainda está trabalhando, ainda mantém o corpo esterilizado. Enquanto o aparelho estiver funcionando, ele continua em serviço.

Meus pensamentos voltam para a cirurgia. A sala cirúrgica preenchida por uma conversa animada, como sempre. Virginia Gonzalez, a auxiliar de enfermagem que vai de um lado para o outro, nos mantendo organizados e trazendo o que for preciso, contava suas experiências com aplicativos de relacionamento. Ela tinha acabado de sair de um divórcio horrível. Decidiu há pouco tempo dar a cara a tapa e conhecer gente nova. Eu admirava a resiliência dela e lá no fundo torcia para não ser por medo de ficar sozinha. O primeiro *match* dela no Tinder acabou sendo um cara cujo perfil era bastante exagerado e todo mundo ria enquanto ela contava os detalhes. Ele havia dito que era um empreendedor no ramo de transporte, quando na verdade era motorista de caminhão. Nada contra, Ginny logo disse, mas o cara nunca tinha encostado um fio dental na boca, e nos 25 minutos do primeiro encontro ele tinha deixado escapar que tinha o hábito de transar com prostitutas pela estrada. Das mais baratas, ele garantiu para a atordoada Ginny.

Ao ouvir aquela história, não tinha como não ficar grata pelo meu marido e meu casamento. É provável que eu virasse uma ermitã se tivesse que ir a encontros outra vez.

Uma nova rodada de risos ecoou pela sala de cirurgia quando ela acrescentou:

— Saí correndo de lá.

O dr. Bolger a fuzilou com os olhos:

— Seria pedir muito mantermos o mínimo de profissionalismo aqui? — ele disse devagar e enfático.

Eu me controlei para não discutir com ele. Todo mundo estava trabalhando, fazendo a sua parte. Equipes cirúrgicas rendem mais quando têm uma válvula de escape. Se a sala fica em silêncio absoluto, com ninguém contando nada, sem nenhuma música tocando, então algo está muito errado.

Prefiro que fiquem rindo o dia todo. É assim que espantamos a morte. Funcionou para mim, pelo menos. Até então...

— O que quer ouvir? — Madison me perguntou ao lado do aparelho de som.

— Hum, deixa eu pensar. — A corrida matinal me fez pensar nos Beatles.

— Tem *Here Comes the Sun*?

Madison abriu um sorriso por trás da máscara, pude ver pelos seus olhos. Ela adorava Beatles.

— Tenho a coleção inteira das melhores músicas deles aqui.

— Manda bala — disse caminhando do equipamento até meu lugar na mesa cirúrgica, ao lado do peitoral do paciente. A música preencheu a sala.

Enquanto cantarolava, estendi a mão e o bisturi me foi entregue com firmeza. Não precisava nem pedir, Madison sabia como eu trabalhava. Tenho

certeza de que ela consegue ler minha mente, ainda que isso não tenha sido cientificamente comprovado.

Desde a primeira incisão — uma linha vertical no centro do esterno — cada passo da operação já era rotina.

A esternotomia para expor o coração.

Abrir o pericárdio, o fino envoltório ao redor do coração e expor o aneurisma.

Era grande, um dos maiores que já vi. Mas já sabia disso pelas imagens de exames anteriores. Estávamos preparados para isso.

— Iniciar ECMO — disse instruindo Tim para começar a circular o sangue do paciente pela máquina coração-pulmão.

— Posicionar pinça cruzada — declarei. — Solução cardioplégica — pedi.

Uma solução fria de potássio foi administrada nas cavidades do coração. Banhei a parte externa do órgão com uma quantidade generosa da solução já que o fluido frio preservava o miocárdio enquanto trabalhávamos. Numa questão de segundos, o coração parou, sua imobilidade de quase-morte anunciada pelo som monótono aguardado por nós. O som da ausência de batimentos cardíacos.

Com o coração completamente parado comecei o trabalho de substituir o aneurisma da aorta por um enxerto. Levei quase um álbum inteiro dos Beatles para terminar de costurar.

Parece estranho me lembrar do frio mais que qualquer outra coisa. Sempre faz frio na sala de cirurgia. O ar-condicionado sopra sempre a dezesseis graus. A solução cardioplégica que resfria o coração e o imobiliza é inserida a quatro graus, pouco acima do ponto de congelamento. Meus dedos ficam dormentes com o tempo, mas faço tudo o mais rápido possível. Só que hoje parecia estar mais frio, foi minha única premonição.

Não que acredite nisso. Tenho meus motivos.

Quando terminei de costurar o enxerto, analisei meu trabalho com cuidado, verificando se a sutura estava bem firme. O teste final seria quando o sangue comesse a circular pelo enxerto. Então eu saberia se tinha algum vazamento e consertaria. Geralmente não havia nenhum. Por ora estava satisfeita.

— Solução salina aquecida — pedi. Essas três palavras indicavam o final da etapa de cardioplegia da cirurgia, quando o coração fica completamente parado. Encharquei o órgão com a solução salina aquecida, agradecendo a sensação quente nos meus dedos gelados, então usei a sucção para retirar o excesso. — Vou soltar a pinça.

Um barulho metálico ecoou quando a pinça foi deixada na pilha de instrumentos cirúrgicos já usados. Prendi a respiração, sabia que aquela era a hora da verdade.

O coração continuou completamente parado.

Não fibrilava, não tinha batimentos fracos. Nada. Estava completamente parado.

E isso quase nunca acontece.

— Iniciando reanimação — anunciei. Madison gesticulou para o aparelho de som e Ginny o desligou, então ligou um segundo cronômetro com números digitais grandes e vermelhos. O silêncio inundou a sala, sinistro, indesejável, junto do som monótono e ininterrupto do monitor cardíaco. — Epinefrina, agora.

— Epinefrina inserida — confirmou o dr. Bolger.

A injeção de epinefrina deveria ter dado alguma resposta. Mas não fez nada. Comecei a massagear o coração rápido, sentindo que não reagia sob minhas mãos.

— Desfibrilador — pedi, minha voz tensa, impaciente. Madison o colocou nas minhas mãos. Ajeitei com cuidado um de cada lado do coração e disse: — Se afastem! — E apertei o botão. Uma curta interrupção no som monótono e então tudo voltou a ficar como antes.

Insisti mais algumas vezes e voltei a massagear o coração com as mãos.

— Preciso de mais uma dose de epinefrina. Tempo?

— Dezessete minutos — Madison informou, em tom sombrio.

— Que inferno — resmunguei baixinho. — Vai, Caleb, reage.

Por mais alguns minutos continuei a massagem, sem nenhum resultado. O ECMO ainda mantinha o sangue oxigenado e fluindo até seus órgãos, mas o coração era outro caso. O miocárdio já não estava mais sendo preservado pela solução fria de potássio. Estava deteriorando a cada minuto que passava, e as chances de voltar a bater eram cada vez menores.

— Vamos lá! Viva! — gritei. — Volte.

Tive um anseio de ver o rosto do paciente, como se pudesse obter alguma resposta. Dei um passo para trás da cortina cirúrgica e... paralisei, com a boca aberta embaixo da máscara, a mão parada na metade do movimento. Talvez tenha arfado, mas acho que ninguém percebeu por causa do barulho do ar-condicionado, o zunido do ECMO e o ressoar agudo do monitor.

Reconheci o homem.

Meu sangue congelou.

O rosto que vi ontem, mas não tinha reconhecido, estava agora barbeado. Sem o boné de beisebol, sua testa calva mostrava uma marca de nascença do lado direito. Era uma mancha irregular que dava a impressão de ser um respingo vermelho como se alguém tivesse derramado vinho na cabeça dele.

Juntei toda a minha força de vontade para sair de trás da cortina. Com a respiração pesada, grata pelo ar gelado que mantinha minha cabeça fria, deixei o desfibrilador na mesa e olhei fixamente o coração que se recusava a bater.

— Tempo? — perguntei de novo, dessa vez minha voz saiu engasgada.

— Vinte e um minutos — Madison respondeu.

Coloquei as mãos sobre o peito e massageei o coração, sabendo muito bem que as compressões que eu fazia não funcionariam.

Forcei o ar para fora dos meus pulmões e então disse:

— Vou declarar a hora.

— O quê? — O dr. Bolger se levantou num pulo. — Tá ficando louca? Continua. Já esperava que ele dissesse isso.

— Mesmo que fizesse isso ele não vai voltar, Robert. Tentamos de tudo. O coração não está tendo nem uma mísera palpitação.

Ele voltou seus olhos metálicos para mim como se me lançasse dados envenenados:

— Vai desistir já? Por quê? Sua mãozinha delicada tá cansada, querida?

Deixei passar. Não adiantaria nada ficar brigando com o peito aberto de Caleb Donaghy ao meu lado. — O paciente é meu, a decisão é minha. — Encarei os olhos irritados dele por um instante.

— Hora da morte, uma e quarenta e sete da tarde.

Um silêncio opressivo tomou conta da sala. E então as pessoas começaram a se movimentar, pegando instrumentos, tirando luvas, desligando equipamentos. Apenas Tim ficou no mesmo lugar, o ECMO ainda funcionando na preservação dos órgãos de Caleb.

— Inacreditável o que aconteceu aqui hoje — o dr. Bolger disse. — Não dá para acreditar no que você fez. Chega a ser patético. Você não perdeu o cabaço, jogou ele fora, isso sim.

A referência de cunho sexual ao fato de eu nunca ter perdido um paciente me fez questionar o quanto do desdém dele vinha da inveja. Mas esse pensamento passou rápido.

A realidade me atropelou feito um trem de carga.

*O que foi que eu fiz? Acabei de matar alguém?*

## 2

# O JANTAR

---

---

PAULA FUSELIER QUASE SAIU CORRENDO DA PORTA DO TÁXI ATÉ A entrada do Hotel Langham, seus saltos estalando contra o piso liso e escorregadio. Ela diminuiu quando entrou no lobby para evitar colidir com uma idosa que puxava uma mala Louis Vuitton de rodinhas, então voltou a correr depois de lançar um olhar preocupado à tela do celular para consultar as horas.

Ela já estava dois minutos atrasada. Seu chefe disse quatro horas em ponto. Ele tinha usado as palavras “em ponto” duas vezes. Para enfatizar o quanto era importante ela chegar na hora.

O estalar dos saltos chamou a atenção do recepcionista quando ela ainda estava a alguns metros do balcão da recepção. Ele sorriu paciente como se dissesse que não havia motivo para pressa. Ela parou, pronta para sair correndo dali.

— Travelle? — ela perguntou gritando o nome do restaurante para ser ouvida no lobby movimentado.

O sorriso do recepcionista se ampliou.

— Segundo andar.

Ele apontou para os elevadores. Os saltos dela voltaram a estalar no piso brilhante de mármore, ecoando com indecência pelo lobby enorme. Quando alcançou os elevadores, apertou o botão algumas vezes, o sapato direito tocando o chão no mesmo ritmo das batidas fortes e ansiosas do seu coração.

— Desculpe estar atrasado — ela ouviu uma voz que reconheceu de cara. Assim que as portas do elevador se abriram, ela se virou e viu Mitch Hobbs ao seu lado, com um sorriso austero. Um sorriso que não chegava aos seus olhos. — Por sorte quase nunca acontece quando tenho que ir ao tribunal.

As bochechas dela esquentaram embaixo da maquiagem. Não tinha como não sacar a indireta. O chefe dela sempre percebia atrasos, mesmo que fossem

só de alguns minutos. Ou qualquer outro deslize, por mais inocente que fosse. O procurador-geral de Justiça do Condado de Cook não tolerava falhas.

Ainda assim ela respirou aliviada. Essa alternativa era melhor do que o pesadelo de ver o chefe no restaurante mais chique de um hotel cinco estrelas, batendo os dedos contra uma toalha alvíssima enquanto esperava sua subordinada mostrar um pouco de respeito e chegar na hora marcada.

Ela conseguiu abrir um sorriso amarelo e sussurrar um pedido de desculpas ao entrar no elevador. Então hesitou por um instante antes de apertar o botão, ao notar que sua mão estava trêmula.

Enquanto o elevador se movia, ela deu uma olhada rápida no espelho. Apesar do convite inesperado e em cima da hora, seu cabelo castanho comprido estava perfeito, como se tivesse acabado de sair do salão, preso de um jeito despojado por um grampo dourado com pérolas, que deixava alguns fios livres emoldurando seu rosto. Sua maquiagem estava impecável depois de retocá-la no táxi. O terninho de alfaiataria era de um perfeito azul-marinho que combinava com sua blusa de cetim. A gola da blusa, ajustada com esmero para que formasse um laço com pontas longas, estava um pouco sem forma e meio torta. Nervosa, ela logo refez o laço, com movimentos furtivos para que o chefe não visse, enquanto esperava que as pontas escorregadias e rebeldes do tecido não acabassem dentro de um prato de sopa.

Ela não fazia ideia do motivo daquele convite inesperado.

Seu chefe só pensava em trabalho. Trabalhava para ele havia oito anos e antes de Mitchell Dwight Hobbs ser eleito procurador-geral do Estado do segundo condado mais populoso dos Estados Unidos, ela tinha trabalhado para seu antecessor. Sua carreira inteira foi dedicada a levar justiça para as ruas de Chicago. Desde o dia em que passou no exame da Ordem dos Advogados e recusou várias ofertas de escritórios privados de advocacia preferindo o Ministério Público, ela dedicou sua vida a algo que realmente importava: justiça para todos, para os menos privilegiados, para aqueles que quase nunca encontravam alguém que os ouvisse.

E o que ela mais queria era ser esse alguém a lhes dar voz. Essa paixão é o que movia seu histórico de condenações, que só perdia para o do próprio procurador-geral. Tinham até lhe dado um apelido no mundo do crime de Chicago. Era chamada de Víbora — mortal para qualquer um que entrasse em seu caminho. No fundo ela amava ser chamada assim. Era sinal de que estava fazendo um bom trabalho.

O restaurante chique tinha uma reserva no nome do seu chefe. Ele era bem conhecido lá. Sentindo-se à vontade no espaço amplo, Hobbs a guiou até uma mesa perto da janela, gesticulou em um convite silencioso e então se sentou diante dela. Não havia a toalha branquíssima que ela imaginou. O verniz

impecável deixava a madeira aparente e combinava até o último detalhe com o resto da decoração.

Um garçom apareceu logo em seguida trazendo uma bandeja com água gelada Pellegrino e dois copos altos. Outro colocou dois menus compridos sobre os pratos com um gesto suave.

Por um instante, Paula ficou grata por poder esconder sua expressão confusa do olhar analítico do chefe. Todas as opções pareciam deliciosas, mas ela não achava que conseguiria comer nada; sentia um nó aflitivo no estômago, como se tivesse engolido uma pedra.

Hobbs não precisou mais do que alguns segundos para se decidir. Ele colocou o menu de volta na mesa e o garçom logo apareceu com um bloquinho nas mãos.

— Vou querer arrachera, Willie — Hobbs disse, então olhou para ela. — E você?

Paula engoliu em seco.

— Só uma salada. Não estou com muita fome.

Hobbs colocou a mão na superfície brilhante da mesa e deu uma batida seca, um gesto que ela conhecia bem das reuniões de estratégia de processo e das intermináveis análises de caso.

— De jeito nenhum. — Ele ergueu rápido os olhos para o garçom. — Ela vai de arrachera também. É o que caçadores comem.

— Sim, senhor — o garçom respondeu. — Qual o ponto da carne?

— Ao ponto, com um pouco de sangue — ele disse, um sorriso se desenhando em seus lábios. Aquele sorriso junto de um brilho no olhar que o acompanhava todas as vezes que mencionava caçadores, e carne, e sangue tiravam toda a banalidade da sua aparência, o ar de bondade conferido pelos óculos prateados e o sorriso quase permanente, mostrando a face verdadeira num mero segundo. Quando seus olhos se fixaram no dela ainda brilhavam. — Porque é isso que caçadores fazem. Arrancam sangue.

Paula sentiu um arrepio pelo corpo. Um desconforto se retorceu no seu estômago. Ela colocou as mãos com cuidado no colo, uma sobre a outra e respondeu sem piscar.

— É verdade.

Willie sumiu tão furtivamente quanto chegou, fazendo um instante de silêncio desconfortável cair entre eles. Paula evitou dar um gole na água, sabendo que Hobbs estaria analisando cada movimento seu. Tentando fingir estar o mais tranquila e descontraída possível, esperou como se tivesse todo tempo do mundo.

— Bom, vou direto ao ponto — Hobbs disse enfim com um suspiro. — Já que começamos atrasados.

Paula forçou um sorriso tímido em vez de bufar e revirar os olhos. Quatro minutos. Só. Mesmo assim, ele estava certo.

— Tenho observado você, srta. Fuselier — Hobbs disse, pegando o copo d'água e girando com movimentos precisos como se estivesse tentando tirar o gás. — Você não sabe perder. — Ele sorriu para ela por um breve instante, então ficou sério. — Gosto de ver isso nos meus promotores. Queria ver em todos, mas só vejo em alguns.

Paula conseguiu respirar de novo, soltou devagar o ar preso dos pulmões, então inspirou outra vez.

— Mas tem uma coisa que não entendo em você.

Ela arqueou as sobrancelhas:

— Talvez eu consiga explicar.

Ele gesticulou com a mão para que ela esperasse.

— Alguns casos você leva para o tribunal para ganhar, conseguir as condenações de um jeito elegante, sem muito esforço. Mas outros, como o do roubo Kestner mês passado, você os pega com sede de vingança, com sangue nos olhos.

Paula engoliu em seco, os olhos fixos no rosto do chefe. O que significava aquilo? Por que ele estava perguntando essas coisas ali, e não no escritório? Ela se conteve, deixando que ele continuasse.

— O que tinha de diferente no caso Kestner? — Mitch Hobbs mantinha os olhos atentos nela, como um predador prestes a dar o bote. — Era pessoal?

Um instante de silêncio seguiu.

— A diferença era a vítima, senhor — ela respondeu, tranquila. — Quando a vítima é desprivilegiada, como nesse caso, um órfão que atingiu a maioridade no abrigo sem um centavo, então quero que o criminoso pague pelo que fez. — Ela se inclinou na direção dele, colocando as mãos na borda da mesa. — Dá para imaginar como foi difícil para aquele jovem juntar dinheiro para comprar um carro usado? O que aquela lata-velha significava para ele? Significava um emprego um pouco melhor ou até mesmo um lugar para dormir se acabasse na rua. Hoje em dia não está fácil para ninguém. — Seus dedos finos, de unhas feitas, encontraram a borda do guardanapo e Paula ficou mexendo nele imersa em pensamentos. — Aquele carro significava para ele muito mais do que o roubo de meio milhão de dólares em criptomoedas de um empresário rico que saiu em todos os jornais no mês passado.

— Ah, entendi — Hobbs disse. — Sabe o que isso quer dizer?

Um pouco surpresa, Paula balançou a cabeça.

— Que tem talento. Isso aí é capital político bruto. É como um minério de ouro, bruto, belo, não lapidado. Ouro verdadeiro em vez de falso. Bastante raro de se encontrar.



Ela o observou, sem saber aonde aquela conversa estava indo. Ele não pareceu incomodado com o silêncio dela.

— Acho que você poderia ser o futuro do ministério, Paula. Começando hoje, com sua promoção para procuradora de Justiça. Vou preparar você para que um dia fique no meu lugar.

Boquiaberta, Paula encarou Hobbs por um instante. Ela mal podia acreditar, mas Mitchell Hobbs não era do tipo que brincaria com o cargo que ocupava com tanto orgulho.

— Nem sei o que dizer — ela se esforçou para falar, envergonhada por estar franzindo o cenho, uma resposta nada propícia a uma promoção.

— Um *obrigada* seria ótimo.

Ela abriu um sorriso nervoso:

— Obrigada, senhor. Agradeço por acreditar em mim. Não esperava. Eu sou...

— A procuradora de Justiça mais jovem da história?

Ela acenou com a cabeça, vendo o garçom se aproximar equilibrando dois pratos no braço. O momento mais inoportuno para interromper a conversa deles.

— Só uns dois anos, Paula. Eu verifiquei. — Ele se afastou da mesa para que Willie colocasse o prato diante dele, então desdobrou o guardanapo e o colocou no colo. — Tenho certeza de que vai se sair bem. Claro, vamos ouvir algumas reclamações e é bem provável que Parsons se ofenda e acabe indo para um escritório de advocacia privado por um salário de sete dígitos, mas você o enfrentará no tribunal e o jantará vivo toda vez. — Ele cravou o garfo na carne e cortou um pedaço generoso. O suco fluíu pelo prato tingindo-o da cor de sangue. — Não vai?

Ela colocou na boca uma garfada de purê de batata. Estava delicioso, amanteigado, cremoso e suave como se estivesse aerado.

— Com certeza.

Pensar em ter que lidar com Parsons frustrado, motivado e movido a dinheiro no tribunal a assustou por um instante, logo depois um sorriso preencheu seus lábios. Ele era só um babaca arrogante, a terceira geração de advogados de sua família, com um diploma de Harvard, e que ficava mais presunçoso a cada ano que passava. Ele não tinha sua garra.

— Ele que venha. — Seja lá o que fosse acontecer com aquele imbecil metido seria bem feito para ele. Ela teve vontade de pular da cadeira e sair dançando em volta da mesa.

Hobbs olhou as horas e resmungou baixo, então gesticulou para o prato de Paula.

— Coma logo. Tem exatos oito minutos para terminar.

Ela franziu o cenho outra vez.

— O que acontece em oito minutos?

Hobbs abriu um meio-sorriso:

— Sua festa. — Ele chamou o garçom. — Traga uma garrafa de champagne às quatro e meia em ponto. Quatro taças. Se nossos convidados chegarem antes, leve-os para o lounge até terminarmos.

Willie curvou a cabeça e então sumiu. O restaurante estava começando a encher, mas ele parecia estar ali só para servir a mesa deles, sempre por perto.

Paula cortou a carne e mastigou devagar, saboreando o pedaço apetitoso. *Oito minutos? E quem viria?* Por um instante, ela quase perguntou, mas se deteve e resolveu esperar. Com Hobbs a entrevista de emprego nunca terminava. Ela ainda podia estragar tudo.

— Você começa em maio. Tannehill vai se aposentar mês que vem. — Hobbs deu uma última garfada e terminou seu prato, mastigando com vontade.

— Não sabia — Paula respondeu sem pensar. Ela se arrependeu logo em seguida. Não podia se dar ao luxo de parecer que não sabia de algo.

Hobbs empurrou o prato para o lado. Willie apareceu e o levou.

— Agora vamos falar de assuntos a longo prazo.

A mão de Paula parou em meio ao movimento, seu garfo a alguns centímetros da boca. Ela o abaixou devagar, ouvindo.

— Terá três meses para pegar no tranco, três meses de treinamento se quiser chamar assim, seguidos de um ano de período de experiência. Vou esperar de você muito mais do que espero dos seus colegas. Espero que seja a melhor, a mais rápida, e muito mais acima da média que qualquer outro procurador de Justiça desse Estado.

Ela deu um gole na água:

— Entendido.

— Se tiver alguma dificuldade não guarde para si. Peça ajuda. Foi assim que eu comecei. Não é um cargo fácil.

Ela acenou com a cabeça.

— Obrigada, pode deixar. — Ela fez uma pausa, em dúvida se deveria ou não perguntar. — E quanto a minha equipe, senhor?

Ele apenas assentiu em vez de responder.

— Pode me chamar de Mitch. — Seus olhos brilharam outra vez, feito um raio, então seu olhar voltou à frieza habitual. — Agora não. Em maio.

Ela riu, então pegou o último pedaço suculento de carne e o colocou na boca.

— Obrigada — ela disse quando terminou de comer. — Por tudo. Principalmente por acreditar em mim.

— Me deixe orgulhoso, Paula. — Ele olhou as horas, então gesticulou para Willie. Já eram quatro e meia.

Willie sumiu, então voltou com um balde prateado, contendo um champanhe imerso em gelo envolto com um guardanapo branco, e o colocou na mesa. O gargalo dourado espreitava para fora. Acima da ponta do guardanapo, no balde, o nome do hotel estava entalhado em uma letra elegante.

Instantes depois um homem e uma mulher se aproximaram da mesa deles com sorrisos tímidos no rosto.

Paula se levantou e os recebeu. A mulher, Marie Eckley, era sua assistente havia sete anos. Era uma ótima advogada, muito inteligente e cujos filhos, que tinha criado sozinha, haviam acabado de sair de casa. O homem era Adam Costilla, um ex-detetive da polícia de Chicago que entrou para a procuradoria como investigador principal. Cerca de cinco anos antes, quando Adam, um policial musculoso e cínico que falava um dialeto próprio ininteligível com sotaque italiano começou a trabalhar lá, ela soube dar valor a esse especialista no mundo do crime. Ela direcionava para ele os casos mais desafiadores, os noticiados pela mídia, e as investigações mais complexas. Adam era grato por ela tê-lo impedido de “morrer devagar e dolorosamente de tédio”, segundo suas próprias palavras.

— Obrigada por virem — disse Paula, respondendo ao abraço caloroso e animado de Marie. — Espera até ouvir as boas-novas. Vai amar.

Hobbs observava tudo com atenção sem se levantar da cadeira, seus gestos deixando transparecer certa impaciência.

— Sr. Hobbs — Adam Costilla disse, apertando a mão do procurador do Estado —, obrigado pelo convite. Vamos brindar a quê?

— A quem, não a que — Hobbs respondeu acenando com a cabeça em direção à Paula. Era um incentivo para que ela mesma contasse.

— A partir de maio, estarei à frente da Procuradoria Criminal — Paula anunciou, sua voz um pouco trêmula pelo entusiasmo. Ainda era difícil acreditar, parecia bom demais para ser verdade. — E vocês me ajudaram a chegar até aqui — ela ergueu um pouco o tom de voz para ser ouvida em meio aos parabéns de Marie e à risada alta e as interjeições animadas de Adam. — Então virão comigo para o quinto andar.

— Pegando o elevador para subir, aí sim — Adam comemorou erguendo um punho. — Isso! — Marie encostou no braço dele e ele silenciou, lançando um olhar envergonhado para Hobbs, mas ainda sorria quando puxou uma cadeira para se sentar.

Willie se aproximou e abriu o champanhe, o barulho da rolha arrancando mais uma rodada de parabenizações. Dessa vez Paula entrou na festa, sob o olhar sério do procurador do Estado. As taças compridas foram servidas até a metade e todos brindaram no ar.

— Parabéns — Hobbs disse, levando a taça aos lábios, mas mal tocando o líquido. — E não pensem que vou pegar leve com vocês.

O celular de Paula tocou e seu sorriso diminuiu por um instante antes de ver quem era. Então ela voltou a sorrir, e o sorriso se ampliou enquanto lia a mensagem.

*Está jantando com outro homem e estou morrendo de ciúmes. Posso me juntar a vocês?*

Foi a mensagem. O nome de quem mandou era sr. Prefeito, conforme ela tinha gravado no celular. Ela sabia quem era... ninguém mais precisava saber. Mesmo que ele não fosse o prefeito ainda.

Franzindo a testa um pouco sem perceber, ela digitou uma resposta rápido.

*Sei que não queria estar aqui. Para que perguntar?*

A mão pesada de Adam no seu ombro a assustou e ela quase deixou o aparelho cair.

— Isso que dá todas aquelas noites em claro de trabalho árduo. Mas nem todo mundo se lembra da equipe quando consegue uma promoção.

Ela colocou o celular de volta no bolso. Quando ergueu os olhos, encontrou o olhar inflexível, indecifrável de Hobbs.

Seu chefe se levantou da mesa, erguendo a mão para evitar que Adam fizesse o mesmo. Ajeitou rapidamente a gravata Armani como se quisesse ter certeza de que ainda estava no lugar, então abotoou o paletó.

— Preciso ir, mas por favor, continuem. Tenho certeza de que vocês têm muito o que conversar.

Paula se levantou e apertou a mão dele.

— Obrigada, senhor. Por tudo. Prometo que não vai se arrepender.

Ele não respondeu, só a olhou fixamente como se quisesse ter certeza de que ela estava sendo sincera. Então se virou e saiu do restaurante a passos largos.

— Ufa! O cara é intenso — Adam disse erguendo o copo e convidando as colegas a se juntarem a ele. A taças tilintaram em comemoração mais uma vez. — Para a mulher, a lenda, a melhor e única Víbora.

Marie engasgou e cobriu a boca com a mão:

— Adam!

Paula sorriu.

— Tá tudo bem. Nós é que fizemos esse apelido acontecer.

— Continuo detestando ele — Marie respondeu. — Não é muito legal chamar alguém assim.

O celular de Paula vibrou. Outra mensagem do sr. Prefeito — curta, enigmática, promissora: *HL, 1098*.

Ela olhou para o balde de gelo, onde as letras HOTEL LANGHAM estavam gravadas abaixo de gotículas d'água. Ela sorriu, um gesto satisfeito que

encheu seu peito de expectativa. Em algum lugar daquele hotel, no décimo andar, o futuro prefeito de Chicago estava prestes a ficar nu e esperar por ela na cama, duro, contando cada minuto até que ela aparecesse. O final perfeito para um dia perfeito.

Ela pegou a taça e a estendeu para Adam completar.

Ele obedeceu rápido.

— O gato comeu sua língua, é? — ele brincou, lançando para ela um olhar significativo, cheio de curiosidade.

Ela nem piscou.

— Eu? — Ela colocou a taça na mesa. Uma gota de Krug Grande Cuvée respingou no verniz brilhante. Ela se conteve para não limpar. — Estou com tempo, gente. Vamos pedir alguma coisa. — Ela estava sorrindo por dentro, um pequeno sorriso ao lembrar do amante que a esperava, ansiando por ela mais e mais a cada minuto.